

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Gazeta Mercantil Class.: Amazônia / Z. Ecológicas
 Data: 14/05/92 Pg.: 18 25

IBGE

Aumenta população nos centros urbanos da Amazônia

por Sérgio Adeodato do Rio

A mobilidade populacional gerada pela atividade garimpeira e o processo de afastamento dos pequenos produtores de terras ocupadas por colonização antiga, cada vez mais valorizadas e dominadas por um número reduzido de grandes proprietários, são as principais causas do brusco aumento da população dos centros urbanos na Amazônia nos últimos dez anos. A consequência desse crescimento desordenado tem sido o inchaço da periferia pobre das cidades da região, sem a devida infraestrutura de saneamento.

Essa é a principal conclusão tirada a partir dos números processados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) relativos ao levantamento sócio-econômico que está sendo concluído para a geração de mapas que vão compor o diagnóstico ambiental da Amazônia, primeira etapa do zoneamento ecológico-econômico da região, coordenado pela Secretaria Especial de Assuntos Estratégicos. Com base nos censos agropecuários de 1980 e 1985 e nos números de produção levantados por esses setores até 1991, os técnicos estão cruzando os dados preliminares do senso demográfico de 1991 para a elaboração de mapas da Amazônia sobre o uso da terra, estrutura fundiária, mobilidade populacional e indicadores da qualidade de vida da população, como saúde e saneamento.

Os primeiros mapas gerados pelo IBGE mostram a existência de manchas claras indicando municípios onde o crescimento da população foi negativo nos últimos dez anos, ao lado de espaços escuros, que representam aumento expressivo de concentração populacional no mesmo período. Enquanto Manaus registrou crescimento populacional relativo de 63,4% entre 1980 e 1991, o

município vizinho de Borba contabilizou redução de 19,8% no número de habitantes, transferidos para a capital amazonense em busca de uma qualidade de vida melhor.

O mesmo processo ocorreu com Tefé, que nos anos 70 abrigou um pólo de desenvolvimento e atualmente sofre a pressão urbana gerada pelas atividades de exploração de gás e Petróleo por parte da Petrobrás na área. Desde 1980, esse município apresentou crescimento populacional de 147%, enquanto a vizinha Coari caiu 9%.

Em Roraima, o advento da atividade garimpeira aumentou a população de Boa Vista de 51.662 para 142.813 habitantes, no mesmo período. No Acre, o mapa do IBGE apresenta outra faixa escura de alta concentração populacional em Rio Branco, ao lado de uma área clara indicando diminuição do número de habitantes nos municípios vizinhos. "Nesta região, a causa do êxodo tem sido o desmantelamento do extrativismo da borracha", analisa Adma Hamam de Figueiredo, gerente do projeto de diagnóstico ambiental da Amazônia no Departamento de Geografia do IBGE. No Pará, com a proximidade de Carajás, a população de Paragominas cresceu 153% e a de Parauapebas, 518%, entre 1980 e 1991.

Segundo Adma Figueiredo, o estudo do IBGE mostra que "as fronteiras da Amazônia são hoje mais urbanas do que rurais". A qualidade de vida dessa população que cresce nas áreas urbanas está ameaçada pela falta de infraestrutura de saneamento (água e esgoto) e pelo alastramento de doenças como a malária, que nos últimos dez anos aumentou 841% em Mato Grosso, e a leishmaniose, que causa feridas na pele, e que cresceu 7.519% na área do Maranhão, que faz parte da Amazônia Legal.